

EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO XI - Nº 183 - 1ª QUINZENA DE DEZEMBRO DE 1999 - R\$ 1,00

**Repressão em  
Brasília:  
Tribunal Popular  
para julgar e  
punir o governo  
assassino!**



*Na foto: os grevistas da Novacap  
são reprimidos pela tropa de choque.  
Na foto menor, o trabalhador  
José Ferreira da Silva, assassinado.*

**As lutas por salário vêm crescendo e se radicalizando. A crise econômica vem empurrando a inflação para cima. Enquanto isso, governo mantém ataque contra as condições de vida e trabalho das massas e submete ainda mais o país às imposições externas. A única saída:**

**GREVE GERAL PELA  
DERRUBADA INTEGRAL  
DO PLANO ANTINACIONAL  
E ANTIPOPULAR DE FHC**

# Febem: O capitalismo destrói parte das crianças e adolescentes

Os acontecimentos da FEBEM expõem uma das maiores contradições do sistema de exploração do trabalho. Primeiro, crianças e jovens são jogados nas ruas. Depois, são encarcerados na FEBEM. Esse fenômeno é antigo, mas ultimamente tem se agravado. Trata-se de um sintoma da economia capitalista e de suas relações sociais.

A crise crônica se avoluma e quem recebe todo impacto são os trabalhadores.

Estão aí recessão, guerra comercial, parasitismo financeiro desenfreado, endividamento gigantesco, concentração de riquezas, aumento da exploração etc. Nessa situação, o desemprego e subemprego invadem os lares operários e até mesmo os de uma parcela da classe média. Os 30 milhões que vivem abaixo da pobreza absoluta sucumbem ainda mais.

O sistema já não cria emprego suficiente para incorporar a jovem força de trabalho. Ao contrário, os capitalistas fundem seus capitais e demitem. O governo entrega as estatais e seus novos donos demitem. A abertura da economia expõe a "selvageria" da concorrência. Milhões de postos de trabalho são destruídos.

Os meios de sobrevivência da maioria explorada estão cada vez mais escassos,

enquanto que a burguesia esbanja luxo e seu poder político patrocina a corrupção.

A crise social torna-se mais potente.

O governo burguês – não esqueçamos que este responde aos interesses dos monopólios que comandam o Estado – aplica medidas antipopulares, como reforma da previdência, saúde, educação etc. Os cortes de verbas vêm contra a vida das massas.

Estamos diante de um quadro de desintegração histórica do capitalismo. Este regime social já não tem como harmonizar as forças produtivas (força de trabalho e tecnologia) com as relações de produção (propriedade privada dos meios de produção e exploração do trabalho). Assim, precipita a sociedade em crises constantes e cada vez mais violentas contra os que vivem do trabalho.

O narcotráfico, prostituição infantil, trabalho escravo etc. refletem o capitalismo decadente e a incapacidade da burguesia em reformá-lo. Suas leis econômicas e seu desenvolvimento monopolista o tornam irreformável.

A destruição física e mental de uma camada infantil e adolescente mostra a que ponto chegou a barbárie. O problema da FEBEM não pode ser visto seriamente sem

ser expressão da barbárie. É preciso, sem pestanejar, defender a criança e o adolescente contra a destruição. Mas não podemos criar ilusão na possibilidade de solucionar minimamente o problema dentro desse sistema.

Por onde então começa a sua defesa?

Organizando o movimento social por emprego a todos, um salário mínimo que sustente de fato uma família, que nenhuma criança fique fora da escola, que se acabe com a exploração da criança, que o jovem esteja meio período na produção e o restante na escola, que as mães possam exercer a maternidade livrando-se da dupla jornada de trabalho, que as terras sejam entregues aos camponeses, que nenhum trabalhador careça de teto etc. Nossa luta contra a violência do Estado contra crianças e adolescentes, pelo fim da tortura, dos maus tratos e da agressão das celas tem sentido se fizer parte desse conjunto de medidas.

Sem dúvida, essas medidas se chocam com o capitalismo putrefato. Por isso mesmo, correspondem à necessidade da maioria e se contrapõem à barbárie.

*Comitê Contra a Opressão Social e Política da PUC*

## Brasília: eis a democracia capitalista

O assassinato do jardineiro José Ferreira da Silva e 28 feridos, sendo que dois deles perderam uma das vistas, mostram bem como o governo e a burguesia enfrentam as reivindicações dos trabalhadores.

A empresa Novacap estava paralisada e bloqueada pelos grevistas, que reivindicavam reajuste salarial ao governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PMDB). O secretário de segurança pública ordenou que a tropa de choque abrisse os portões bloqueados.

Frente à posição dos grevistas de manter o bloqueio, a polícia desfechou uma brutal repressão usando armamento de grande calibre. Os trabalhadores estavam totalmente desarmados e só podiam usar de sua força coletiva em defesa do bloqueio.

A violência policial reflete bem os métodos da democracia burguesa, tão cantada e almejada pelos reformistas do PT e da CUT. Esta é uma máscara da ditadura de classe dos capitalistas, que vem à luz quando se colocam situações de luta.

### Armamento dos trabalhadores

Não há no Brasil direito de greve. Qualquer manifestação, por restrita e pequena que seja, é tratada com rigor policial. Esta aí o exemplo da Novacap.

Os trabalhadores totalmente desarmados são golpeados com

armas. É assim que o governo e os patrões acabam com as lutas de resistência.

O fato dos sindicatos serem dirigidos pela burocracia sindical, que auxilia na derrota dos movimentos, não se prepara os trabalhadores para a violência armada da polícia. Mas a luta de classe e as experiências com a repressão nos dizem que os sindicatos devem constituir organismos armados de auto-defesa.

### Tribunal popular para punir os assassinos e mandantes

O governador Roriz declarou que dentro de 30 dias será apresentado à justiça os policiais responsáveis pela morte do grevista. Tudo não passa de uma farsa. O secretário da segurança pública pediu demissão, de forma a obscurecer a responsabilidade do governador e do Estado.

Esses são os mecanismos da democracia burguesa. Demite-se aqui, arruma-se outro emprego ali para os assassinos. Ninguém de fato é punido. E o principal responsável, como o governador, ainda lamenta o ocorrido e diz que não é orientação de sua administração assassinar trabalhadores.

O cinismo burguês é bem a marca da democracia patronal.

A resposta do movimento operário deve ser a de convocação de um tribunal popular, que utilize a ação direta para punir os matadores e mandantes.

**Fortaleza - Ceará - DIA 10 DE NOVEMBRO**

## **Disposição de luta x política reformista**

Diante do aprofundamento da crise e do crescimento do descontentamento dos trabalhadores, a paralisação do dia 10, potencialmente, apresentava-se como uma possibilidade de unidade e organização dos explorados.

Os funcionários, estudantes e professores da UFC estão em luta contra o projeto de autonomia que o governo FHC quer impor às universidades federais. Os funcionários públicos resistem às medidas de desmonte do serviço público, como a Portaria 613, que privatiza funções da Receita Federal. Os bancários estão em campanha salarial. Os funcionários públicos municipais vêm se mobilizando contra a "reforma" da Previdência Municipal de Fortaleza, enquanto garis estavam acampados há oito dias diante da Prefeitura. Isto sem falar nos saques de alimentos e ocupações de Prefeituras no interior do Ceará, que vinham ocorrendo há meses.

Entre comerciários, têxteis, telefônicos e operários da construção civil, aumentam o desemprego e a superexploração. Os índices de miséria, prostituição e desintegração social crescem em proporção direta com a concentração de riqueza e a repressão poli-

cial aos mais pobres. O desemprego já atingiu quase 120 mil famílias só em Fortaleza.

No entanto, o dia 10 de novembro no Ceará não esteve em sintonia com as necessidades das massas. Houve, em Fortaleza, concentração em uma avenida central pela manhã, paralisação por duas horas em agências da Caixa Econômica Federal e Banespa, greve em alguns canteiros de obras, ato em frente a Receita Federal, greve na UFC e uma passeata de mais de 2.000 pessoas à tarde pelo centro da cidade. Em Baturité ocorreu um passeata com aproximadamente 400 pessoas. Em Itapipoca houve mais de mil trabalhadores e estudantes nas ruas. Entre Acarape e Redenção aglomeraram-se mais de 500 pessoas. Enquanto na BR-020 camponeses de Boa Viagem, Monsenhor Tabosa e Canindé ocuparam a ponte de Juazeiro, o mesmo ocorrendo na BR-116 na altura do município de Chorozinho. Não ocorreu a tão esperada parada dos rodoviários, mobilizados há um mês.

A razão da fraca adesão das massas à paralisação proposta, apesar da disposição de luta das bases, encontra-se na política frente-populista das direções. O PT

e o PCdoB quebram a unidade dos trabalhadores, desmobilizando-os. De fato, qualquer radicalização das massas no dia 10 de novembro assustaria os supostos aliados burgueses da candidatura de Inácio Arruda (PCdoB, PT, PSB, PCB etc.) à Prefeitura de Fortaleza.

Por isso, a direção da CUT-CE procurou imprimir à mobilização o conteúdo de um protesto cívico "em defesa do emprego e do Brasil" e "por trabalho, terra e cidadania". Assim, o eixo central de "Fora FHC e o FMI" transformou-se em frase oca pela falta de um programa antiimperialista e anticapitalista, baseado na ação direta e guiado pela estratégia da Revolução e Ditadura Proletárias. Tal perspectiva classista, centrada na derrubada do plano pró-imperialista e na construção de greve geral por tempo indeterminado, foi defendida pelo POR e simpatizantes, que intervieram em carros de som, panfletaram e divulgaram o jornal MASSAS. Apenas quando o programa proletário transformar-se em força material por meio da estruturação do partido revolucionário, os explorados terão uma direção à altura de suas necessidades.

## **Para que serve a CPI do narcotráfico?**

A CPI do narcotráfico revelou a existência de uma quadrilha dentro do próprio Estado. Vai de parlamentares a militares. Procedeu-se cassações de mandatos e algumas detenções. Mas tudo indica que não poderá ir mais longe.

O narcotráfico é movido pela própria economia capitalista em decomposição. Envolve altas esferas de banqueiros internacionais, que lavam os dólares.

Calcula-se que o movimento chega a mais de 500 bilhões de dólares anuais em todo mundo. Os Estados Unidos são o maior mercado consumidor.

Pelo Brasil, passa um braço dessa extraordinária conexão capitalista. É claro que envolve juizes, militares, policiais, parlamentares, governadores, prefeitos etc. Os pobres miseráveis que morrem diariamente nas chacinhas não passam de mão de obra desempregada e recrutada pelos produtores e financistas do narcotráfico.

Não é de estranhar que a CPI logo foi limitada em sua ação. As liminares de soltura de detidos foram expedidas. Os interrogatórios cerceados pelos advoga-

dos dos narcotraficantes. As testemunhas não têm real proteção. E, por último, não terá como alcançar os capitalistas que lavam dinheiro e fazem remessas ao exterior.

As ações do Estado contra o narcotráfico, em qualquer parte do mundo, visam apenas a discipliná-lo, mas não eliminá-lo, uma vez que faz parte da produção de mercadoria, neste caso de alto valor e lucratividade. A decadência social do capitalismo é uma sementeira para esse tipo de negócio. Suas consequências são bárbaras, decompõe uma camada da juventude e arrasta milhares de desempregados para o mundo do crime, incluindo crianças e adolescentes.

Os Estados Unidos atuam na América Latina como defensores do fim do narcotráfico, entretanto apenas o utilizam como meio para ampliar sua influência militar. Já dissemos que este país é o maior consumidor e, portanto, a maior rota do tráfico e onde se movimenta a maior parte do dinheiro. Entretanto, o governo justifica a

impossibilidade de erradicar o narcotráfico em seu quintal.

A razão é bem outra. A burguesia narcotraficante está bem instalada nos Estados Unidos com os bilhões que movimentam.

Há algum tempo o governo americano vem exigindo do Brasil que permita a implantação de missões militares, como já existem em vários países latino-americanos. Esse intervencionismo, porém, mexe com a suscetibilidade dos militares nacionais, embora tenham se comportado como entreguistas.

A CPI do narcotráfico, certamente, conta com o governo Clinton por detrás. Não irá tocar na espinha dorsal da burguesia narcotraficante, mas possivelmente servirá às pressões do imperialismo.

A destruição do narcotráfico depende do fim da economia mercantil, ou seja, do sistema capitalista de produção. A luta do proletariado para acabar com a exploração do homem pelo homem é a via para erradicar toda e qualquer chaga social do capitalismo.

# 2o Congresso do PT confirma sua política burguesa

## Sobre o socialismo

A direita petista, encabeçada por José Genoíno, pretendia que o Congresso fosse enfático e definitivo em erradicar o conceito de "socialismo". De fato, o que o deputado pretendia era que o PT se pronunciasse sem rodeios a defesa do sistema capitalista de exploração do trabalho.

Nos seus cálculos, possivelmente, está a necessidade de ganhar a confiança de setores da burguesia, considerando que o PT trabalha por chegar ao poder através de um ampla coligação. Faz parte dele também a luta por excluir as correntes que ainda falam de revolução, socialismo etc. De conjunto, tais correntes não passam de 20% ou 25%, segundo dados de representantes da Articulação. Apesar de minoritária, prejudica a aproximação do PT com os almeados setores burgueses.

O 2 Congresso acabou não dando ênfase aos objetivos de Genoíno e reafirmou as posições de 1991 (em que a ditadura do proletariado é rechaçada e o conceito de socialismo não passa de uma versão social-democrata, uma máscara para a defesa do capitalismo). Tudo isso já não tem o menor sentido. A vida política do PT, por si só, comprova sua completa integração no Estado burguês. O tema do socialismo veio à tona devido às razões apontadas acima.

O pior de tudo é o papel da tal "esquerda socialista" do PT. Está submetida à política pró-capitalista do partido, compartilha do eleitoralismo, é conivente com a "gestão democrática e popular" de esferas do poder de Estado, fecha os olhos para a ação repressiva de governadores e prefeitos do PT contra os movimentos etc e, nas lutas internas, comparece como defensora do socialismo.

Relembremos que nos anos 90/91, sob impacto do movimento restauracionista na ex-União Soviética e Leste Europeu, o PT assumiu a bandeira do fim do "comunismo real", em favor do capitalismo, portanto, em última instância, dos objetivos estratégicos do imperialismo. Foi nesse momento que fez constar nos seu documentos a condenação da ditadura do proletariado.

Para se declarar a favor das teses imperialistas contra o denominado "comunismo real", a maioria teve de falsear a realidade histórica. Confundiu as conquistas

do proletariado russo e internacional - como a expropriação da propriedade privada dos meios de produção e destruição da ditadura burguesa sobre a maioria trabalhadora - com a ditadura da burocracia estalinista, "o socialismo em um só país", uma economia estatizada, porém fora do controle dos explorados e manejada pela casta parasitária.

Os ideólogos petistas passaram a propagandar que a ditadura de Stálin foi fruto das teses e programa do bolchevismo, portanto, de responsabilidade de Lenin. A ditadura do proletariado seria a negação da democracia em geral (universal). Retoma-se o velho argumento social-democrata de incompatibilidade do poder dos explorados na forma de ditadura proletária. Os argumentos burgueses distorcem a verdade para acobertar sua própria ditadura de classe contra a maioria, que é explorada e passa fome.

Não há democracia em geral (universal) e sim as democracias de classe. Enquanto existirem antagonismo de classe assim será. Então de que democracia os reformistas do PT se referiam e se referem?

A ditadura do proletariado é negação da democracia burguesa. E esta é a afirmação política da ditadura da burguesia. É claro que os pensadores e políticos burgueses não podem reconhecer a democracia proletária, necessária e compatível com a ditadura do proletariado. O controle das bases trabalhadoras sobre a produção e o Estado só é possível através da democracia proletária, que tem formas e funções completamente distintas da democracia burguesa. Os organismos da democracia proletária começam desde as fábricas e campos e chegam à esfera mais alta do Estado. Trata-se da expressão coletiva, em que comporta maioria e minoria, total liberdade de divergência e decisão por maioria.

E a democracia burguesa - dita universal - como funciona? Um parlamento dominado pelo poder econômico do grande capital. O explorados elegem os representantes dos exploradores para aprovar leis em favor do capital e contra a vida das massas. Os partidos têm liberdade se forem defensores do capitalismo e só ganham eleições se os empresários financiarem as ricas campanhas. Não é preciso frisar a corrupção sistêmica do Estado burguês.

Mas o que ocorreu com a ditadura do proletariado sob a burocracia de Stalin? Eliminou-se a democracia proletária. A economia estatizada - um primeiro passo para desenvolver o coletivismo produtivo e distributivo - passou a ser administrada por uma camada de funcionários completamente desvinculada dos trabalhadores e sobreposta a eles, mas vinculada socialmente aos interesses da pequena burguesia e de uma pequena camada privilegiada da classe operária. Esse foi o caminho da restauração capitalista e da desintegração das conquistas originais da revolução.

Os ideólogos do reformismo obscurecem tudo isso, confundem o programa da sociedade sem classes (o comunismo) com a economia estatizada em vias de restauração, fazem da ditadura estalinista a ditadura do proletariado e ludibriam com o conceito burguês de socialismo democrático.

Se o direitista e traidor José Genoíno tivesse conseguido tirar a palavra "socialismo" dos documentos do PT e substituído por "capitalismo" teria feito um grande favor à verdade. E a esquerda petista, dita socialista, faria sua contribuição se deixasse de ser hipócrita.

## O "Fora FHC/FMI"

A ala esquerda propôs que o partido assumisse a bandeira de "Fora FHC/FMI" e "eleições gerais". A Articulação - direção majoritária - e seus aliados a rejeitaram. Também foi afastada a de "impeachment", apregoada por Leonel Bizola do PDT. Com isso, o 2 Congresso se coloca por manter o governo pró-imperialista, mergulhado em corrupção e voltado a atacar a vida das massas.

Está claro que tanto o "Fora FHC" quanto o "impeachment" são objetivos eleitorais. Mas o PT não pode aceitá-los porque não é um setor da burguesia que se movimenta nesse sentido.

No impeachment de Collor, os partidos oficialistas tomaram para si a tarefa do afastamento dentro dos parâmetros constitucionais e com a aceitação do comando militar. Ocorre que o governo Collor tinha uma ponta de ligação com o narcotráfico, evidenciado mais tarde com a prisão do PC Farias. Os Estados Unidos, nestas condições, consideraram necessário o afastamento. Assim, o PT se dispôs a "mobilizar"

pela deposição de Collor com absoluta segurança de que não fazia senão atuar de acordo com um movimento da burguesia.

A bandeira do PT, agora, é que fique FHC, que se respeite a constituição do Estado burguês (o próprio governo a desrespeita constantemente quando trata de atacar os trabalhadores) e que o partido se comporte dentro das regras eleitorais. O oposicionismo dos reformistas é uma variante do oposicionismo burguês. O que significa estar subordinado ao governo através do jogo parlamentar. Não importa se esse governo entrega o país para o imperialismo, impõe medidas de quebra da economia nacional, demite milhares de funcionários, destrói a Previdência, a saúde e a educação públicas. O governo pode fazer tudo isso e muito mais que o PT tem de respeitar seu mandado porque assim dita a democracia burguesa.

Essé é o mais profundo significado de sua política de democratizar o Estado e o capital.

### **PT assume as privatizações de FHC**

A direção majoritária combateu a proposição da ala esquerda de "reestatização geral". Não foi novidade. Seus principais dirigentes, a exemplo de Lula, há tempo vem defendendo uma privatização seletiva. O que se significa admitir a desestatização, como exige o imperialismo e setores do grande capital nacional.

A posição de suspender o Programa Nacional de Desestatização, fazer uma

consulta popular e submeter as empresas já privatizadas a uma auditoria é uma saída pela tangente para agir como oposição. Grande parte já foi privatizada e uma auditoria não faria senão, na melhor das hipóteses, renegociar valores.

Essa posição, no fundo, coloca o PT de joelhos diante da linha entreguista de FHC. Ao negar a defesa da reestatização, que deve ser sem indenização, pois se trata do grande capital, os reformistas se alinham, mesmo na oposição, com as medidas pró-imperialistas.

### **PT admite previdência privada**

O Congresso votou contra a proposição de oposição total à reforma da Previdência de FHC. Aceita a "previdência complementar", ou seja, que se fortaleça a privatização. O complemento não é outra coisa senão a exploração mercantil da previdência, ao lado da pública.

A alternativa petista de "reorganização do sistema com benefícios para todos os trabalhadores do setor público e privado, com gestão quadripartite (trabalhadores, empresários, Estado e aposentados)" é mais uma das traquinagens dos reformistas para esconderem sua capitulação diante da reforma de carne e osso de FHC. O problema não está nesta ou naquela alternativa, mas sim na destruição concreta da Previdência pública e na impossibilidade da maioria trabalhadora se aposentar com as novas regras, bem como no aumento da exploração do trabalho.

Frente a isso só resta uma alternativa: organizar um movimento nacional contra as reformas pró-imperialistas e antipopulares. Isso o PT e os sindicatos dirigido por ele se negaram a fazer desde as primeiras horas do anúncio do programa reacionário de FHC.

### **Algumas conclusões**

Essas e outras resoluções do 2 Congresso, bem como o rechaço às formulações da ala esquerda, apenas confirmam a política do dia a dia do PT diante do capitalismo decadente, do governo entreguista e das imposições do imperialismo.

Continua chamar a atenção a demagogia da ala esquerda que faz uma oposição inconseqüente à direção majoritária. É incapaz de admitir que o PT está inteiramente a serviço dos interesses da burguesia. Sustenta a ilusão de reformar o PT e no futuro ganhar a maioria. Desta forma, correntes que infelizmente ainda se reivindicam do marxismo, como "O Trabalho", cumprem o papel de ala radical do reformismo e do eleitoralismo.

Nossa previsão é que o PT caminhará cada vez mais à direita, podendo certamente fazer zig zag. Quanto mais cresce seu aparato legislativo, executivo e eleitoral, mais compromisso assume com os capitalistas e mais suscetível se torna às pressões do imperialismo. E quanto mais sua ala esquerda permaneça atada a ele, mais responsabilidade tem por auxiliar o reformismo social-democrata.

## **Fortaleza -CE:**

# **POR realiza debate sobre 82 anos da Revolução Russa**

O POR realizou no dia 06 de novembro em Fortaleza a palestra-debate: 82 anos da Revolução Russa - A falência do socialismo em um só país e a atualidade do trotskismo.

A exposição tratou de analisar a situação concreta do desenvolvimento do capitalismo na Rússia semi-feudal e de maioria camponesa, que propiciou o surgimento de um proletariado jovem e livre de tradições sindicais conservadoras e reformistas já bastante enraizadas no proletariado inglês e francês por anos a fio de domínio de uma aristocracia operária. Posteriormente se analisou a penetração das idéias marxistas e o desenvolvimento da vanguarda consciente num partido proletário: o Partido Bolchevique.

A experiência das revoluções de 1905 e

fevereiro de 1917, que possibilitaram a organização espontânea das massas nos Soviets (conselhos) de Operários, soldados, camponeses etc. e que prepararam a tomada do poder pelos bolcheviques através de uma acertada tática: a luta contra a Guerra imperialista, de rapina e contra o Governo Provisório de Coalizão da Burguesia liberal (Kadetes) e da pequena burguesia (mencheviques e Social-revolucionários) que a apoiava, e as reivindicações de Paz, Pão e Terra e de todo o poder para os Soviets. E de uma estratégia não menos correta: a da Ditadura Proletária que demonstrou a justeza da tese trotskista da Revolução Permanente, ou seja, de que só o Proletariado como classe revolucionária apoiado na maioria oprimida realizará as tarefas demo-

cráticas nos países atrasados e abrirá caminho para as tarefas socialistas num mesmo e permanente processo que também vai da revolução nacional à projeção internacional da luta revolucionária pelo fim do regime capitalista.

No encerramento avaliou-se as causas que levaram à degeneração do Partido e a do Estado Operário cumprida pela burocracia estalinista. Avaliou-se também a queda dos regimes burocráticos que jogaram de volta a Rússia e o Leste Europeu no capitalismo putrefato como comprovação acabada da falência da tese do socialismo num só país, da coexistência pacífica com o imperialismo e da vigência do trotskismo que se expressa na necessidade de reconstrução da IV Internacional.

# RN: FORUM CONTRA A OPRESSÃO SOCIAL E POLÍTICA

## Proposta de programa para o Fórum Contra a Opressão Social e Política

O objetivo do Fórum é lutar contra a opressão social da burguesia implementada através do Plano Real do governo neoliberal de FHC, que traz desemprego, miséria, fome e arrocho salarial para os trabalhadores. Como também a pressão política manifestada nas prisões, processos judiciais, espancamentos e até mortes das lideranças de luta dos operários e camponeses, patrocinada pelo governo ou grupos militares (jagunços) mantidos pela classe capitalista.

Faz-se necessário a organização dos oprimidos contra a burguesia, por isso o Fórum encaminha na defesa das reivindicações imediatas da classe trabalhadora, se contrapondo assim aos ataques do governo FHC com os próprios métodos de luta da classe trabalhadora, como greve, ocupações, manifestações etc. O Fórum pretende

se posicionar frente a qualquer ataque dos exploradores, que recai principalmente sobre a classe operária e a camponesa. Dessa forma denunciamos as reformas neoliberais que trazem mais desemprego, destróem a saúde e a educação públicas, liquida a previdência estatal e conduz ao mais descarado entreguismo com as privatizações.

Está mais do que evidente que o regime econômico em crise estrutural obriga os capitalistas e seu governo a intensificarem a exploração da população trabalhadora. Porém, tais imposições contra a vida das massas não ficaram impunes. A necessidade de resistir e lutar logo se imporá contra o bloqueio político das direções que controlam os sindicatos e centrais. Ao governo, não restará outra alternativa senão aumentar a repressão ao movimento operário e camponês.

Está aí a importância de fóruns permanentes de luta. Quanto mais organizemos instrumentos dessa natureza, mais condi-

ções teremos de responder em favor das reivindicações e dos movimentos. Os organismos de base, totalmente independentes do Estado e da burocracia sindical comprometida com a política burguesa, terão de ser criados por nós se quisermos resistir a opressão econômica, social e política. O Fórum garante a liberdade de pensamento e expressão de todos os seus participantes e delibera suas atividades conjuntamente com todos. As organizações operárias que estão juntas na luta, mas cada uma com suas idéias políticas. Predomina a mais ampla democracia, a democracia operária.

Para participar do Fórum basta vir para os debates, participar de suas atividades, estar contra o Plano Real e as perseguições políticas as lideranças dos trabalhadores, defender a Reforma Agrária e concordar em construir uma sociedade sem classes através do método de luta operária (greves, manifestações de rua, ocupações etc.)

CEARÁ-MIRIM, NOVEMBRO/99.

## Programa da chapa para as eleições do SINTE regional de Ceará Mirim/99

Recebemos a íntegra do programa da chapa integrada pela Corrente Proletária da Educação e destacamos seus pontos fundamentais; Pela derrubada do capitalismo e construção do socialismo; Derrubada integral dos Planos governamentais; Pela derrubada do governo FHC e fora o FMI!; Fora com as frentes eleitoreiras e a defesa da unidade dos trabalhadores para derrubar o governo FHC e o FMI; Garibaldi e Roberto Varela impõem o projeto neoliberal; Rechaçar a reforma privatista de educação e defender a escola vinculada a produção social; Defesa das reivindicações, através do método da ação direta; Combater a violência reacionária do Estado sobre os trabalhadores e alunos.

O texto ainda contém uma carta princípio, que defende: O sindicato como instrumento de classe contra o Estado e a burguesia; A defesa do método da ação direta; A conquista da total independência do sindicato frente ao Estado e aos partidos burgueses (PPB, P'U'B, PSB, PDT, PMDB, PSDB, PFL etc.) e os reformistas (PT, PCdoB etc.); A luta pela democracia operária; um sindicato a serviço da cons-

trução do socialismo.

Há ainda uma breve avaliação da coordenação atual: Durante os três anos em que estamos à frente desta regional, tivemos que organizar os trabalhadores para combater as reformas educacionais (fundef, municipalização, ciclos básicos, pcns etc.), que têm como objetivo o rebaixamento salarial, demissão em massa e eliminação de conquistas históricas do magistério. A implementação de tal reforma levará a destruição e a privatização da escola pública. Para um combate ofensivo contra os governos neoliberais e entreguistas e submissos ao FMI/BANCO MUNDIAL (FHC/GARIBALDI/ROBERTO VARELLA) trabalhamos a unificação do movimento, juntamos a base do município com a do estado, realizamos uma Conferência que contou com a presença de outras regionais (Mossoró, São Gonçalo etc.), além de outros setores que também estão sofrendo com implementação das políticas neoliberais (operários da usina, camponeses, estudantes, saúde etc.). A Conferência mostrou o nível de organização dos trabalhadores presentes, e estes aprovaram ao

final desta uma carta de luta, cujo um dos principais pontos foi a criação de um fórum de luta permanente e a greve geral como caminho para derrubada do governo FHC e o Plano Real para construção de uma sociedade sem classes.

O governo fascista de Roberto Varela tentou desmobilizar a categoria através da repressão (ameaças, processos etc.). Este a todo momento contou com a colaboração da direção estadual do Sinte. É preciso esclarecer que a categoria possui um jornal (extra classe) veículo de comunicação que tem como objetivo divulgar e fortalecer a luta contra a destruição da educação. No entanto, nem esta, nem as demais regionais dispõem de espaço para expor suas idéias. Diante disso, elaboramos nosso próprio boletim que tem como objetivo elevar politicamente todos os trabalhadores para que cumpram seu papel histórico (destruir a sociedade capitalista). E, ao mesmo tempo, combatemos não só os governos neoliberais mas também as direções reformistas que com sua política de colaboração têm levado o movimento a sucessivas derrotas.

# Ao III Congresso Nacional de Educação

## A tarefa central

O III Coned está diante da necessidade de responder à reforma pró-imperialista e antipopular do governo FHC. As medidas destinadas à educação são parte da diretriz que atende aos interesses do grande capital internacional e nacional, nas condições de crise estrutural do capitalismo. Eis por que o conteúdo essencial da reforma educacional é a privatização da escola pública, demissão, aumento da exploração do trabalho e manutenção de parques recursos. Como vemos, de um lado, enfraquece a estrutura do ensino estatal e, de outro, fortalece a rede mercantil. É um erro separar a reforma da educação neoliberal do objetivo de ampliação do ensino privado. Como também é inadmissível pretender responder à reforma governamental desconhecendo ou omitindo o problema da mercantilização da educação.

Esse Congresso, para ser consequente, tem o dever de se colocar pela derrubada integral da reforma privatista, defender a bandeira do ensino público, gratuito, laico, autônomo, científico em todos os níveis (do infantil ao universitário) e colocar-se pela expropriação da rede mercantil do ensino, sem indenização. Trata-se de organizar a luta dos trabalhadores, sob a direção da classe operária, por um único sistema estatal da educação, sob o controle dos educadores, pais e alunos. Nesse mesmo sentido, colocar na ordem o dia a defesa de um escola vinculada à produção social, em que haja a real unidade entre a teoria e a prática.

## Rechaçar as ilusões reformistas

A estratégia de formular “políticas alternativas ao governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso” se enquadra no âmbito do Estado burguês e, por isso, se submete às regras do poder hegemônico. Essa é a proposição central dos organizadores desse Congresso. Sob essa diretriz, o Coned comparece como um apêndice da política estatal, utilizado pelo oposicionismo reformista. Não é por acaso que participam dele institui-

ções proprietárias de escola e defensoras da coexistência entre o ensino público e privado, como é o caso da CNBB. E também aquela que reúne administradores do Estado, a exemplo da Undime. É preciso, portanto, rechaçar o objetivo de traçar “políticas alternativas” estatais e não admitir a presença de entidades que sejam proprietárias de escolas ou de representação estatal.

Estamos na defesa de um Coned totalmente independente do Estado burguês. Só assim poderá servir de instrumento de organização da luta nacional dos trabalhadores contra as reformas pró-imperialistas, antipopulares e destruidoras da educação pública. Um Coned que expresse um oposicionismo interior ao Estado não pode tomar uma posição independente e de luta de massa. A idéia de debater e aprovar “políticas alternativas” está de acordo com uma política de submissão dos sindicatos dos trabalhadores em educação ao Parlamento e outras esferas estatais. Os trabalhadores não devem aceitar a ilusão de que é possível derrotar a reforma neoliberal de FHC e instituir medidas transformadoras da educação nos marcos das instituições burguesas. A luta contra a destruição da escola pública, no capitalismo decadente, está em contraposição ao conjunto da política capitalista, portanto contra o Estado que a implanta.

## Combater a estratégia do reformismo

A tese do reformismo é a da possibilidade de se ter uma escola democrática, inclusiva, cidadã e transformadora no quadro das relações capitalistas de produção, exploração do trabalho e concentração de capital. Essa implica na continuidade do Estado burguês. A visão reformista é de que a crise da escola corresponde a uma variante política e administrativa estatal. No caso trata-se da fração hegemônica neoliberal. Dessa forma, bastaria modificar a hegemonia no poder o Estado, constituindo um governo democrático e popular. Esse poder não transformaria as relações capitalistas de produção, mas as adaptaria às necessidades das massas explora-

das. Aqui reside toda a farsa.

A idéia de colocar o Estado burguês a serviço dos interesses sociais, em detrimento da acumulação capitalista, é o mesmo que pretender burlar a lei da gravidade. É muito atraente a propaganda em torno da possibilidade dos trabalhadores exercerem influência sob o Estado burguês, a ponto de poder controlar e restringir os interesses da burguesia e quebrar sua hegemonia de classe no Estado. É o que está por detrás do denominado “orçamento participativo”, “gestão democrática”, “escola inclusiva e cidadã”, “distribuição de renda” etc. É atraente porque pressupõe a solução de problemas tão agudos do capitalismo através do eleitoralismo e do pacifismo democrático burguês, que exclui a luta de classe e inclui a colaboração. Ou seja, contrapõe-se à necessidade da revolução social e dos métodos de luta próprios do proletariado.

A verdade é que a decadência da educação e a destruição do ensino público são consequências da desintegração do sistema capitalista de produção em escala mundial. Nessas condições, defender a educação e a escola pública em favor das massas implica em travar a luta antiimperialista e anticapitalista. Implica em desenvolver um movimento independente, sob a direção do proletariado, em contraposição não só ao governo neoliberal, mas contra a burguesia e seu Estado.

## A defesa da educação como parte das tarefas antiimperialistas e anticapitalistas

O III Coned não pode responder apenas ao problema da educação, a não ser que se pretenda mascarar-lo e evitar que os trabalhadores tomem em suas mãos as soluções. Quando o governo FHC implanta medidas de destruição da escola pública, o faz como parte de um conjunto de medidas em defesa dos interesses capitalistas. A diretriz governamental é ampla porque expressa a marcha da crise do sistema econômico. O caráter pró-imperialista das medidas e o ataque à vida dos oprimidos estão de acordo com os objetivos de preservação de acu-

mulação de capital e aumento da taxa de exploração. A defesa da acumulação de capital é dada, em última instância, pelo grande capital internacional, responsável pelo funcionamento estrutural do capitalismo. Dela faz parte a burguesia nacional subserviente, que se lança a destruir conquistas elementares dos assalariados e a elevar a crise social. Não há como se contrapor a esse curso senão através da luta de classes. O que implica a defesa de um programa proletário antiimperialista e anticapitalista. Partindo das reivindicações elementares, como emprego, salário, educação e saúde públicas etc, se coloca a tarefa de independência nacional frente a opressão imperialista e os objetivos de expropriação do grande capital pela via da revolu-

ção social. A defesa da vida das massas e as bandeiras antiimperialistas desembocam objetivamente na luta anticapitalista.

O reformismo considera essa posição como irrealizável e demagógicamente coloca o socialismo como uma utopia do futuro. É justamente o contrário. A defesa de reivindicações elementares, como a escola pública, salário mínimo real, emprego a todos etc, é ponto de partida para a classe operária e demais explorados colocarem os objetivos históricos de emancipação do país oprimido pelo imperialismo e emancipação da maioria explorada da opressão burguesa.

Conclamamos o Coned a aprovar uma resolução de derrubada integral do Plano FHC, emancipação do país opri-

mido pelo imperialismo, defesa da vida das massas e da escola pública. Conclamamos a rechaçar a conciliação de classe proposta pelo reformismo e assumir o método da ação direta. Conclamamos a defender a independência de classe e se delimitar das organizações vinculadas ao ensino privado e ao Estado burguês. Conclamamos a rejeitar a idéia de uma escola capitalista reformada (escola cidadã) e assumir a tarefa da escola vinculada à produção social. Conclamamos a não aceitar a estratégia democrático-burguesa de um governo democrático e popular e defender a estratégia da revolução e ditadura proletárias, de um governo operário e camponês, produto da revolução social.

## **AFUSE- Funcionários da Educação**

# **Burocracia quebra greve**

Como já prevíamos, a diretoria da AFUSE convocou um dia de paralisação, com assembleia em frente à Secretaria da Educação, apenas para fazer pressão.

Como não poderia chamar mais um ato, deu o nome de assembleia, porém não convocou os funcionários de escola amplamente. Procurou levar os participantes das reuniões regionais realizadas um dia antes, mas foram apenas os diretores regionais. A data escolhida (por eles mesmo), foi o dia 26 de novembro. Ou seja, foi escolhida com a intenção de inviabilizar a convocação de outra assembleia este ano, pois as escolas estão em ritmo de recesso escolar.

A diretoria da AFUSE procurou utilizar o descontentamento da categoria para pressionar a secretária a recebê-la como mais uma tentativa para fazer as negociações sobre o plano de carreira. Além disso, utilizou-a para desgastar o uso da assembleia geral como método de organização da classe. Por fim, colocou a culpa nos próprios

os trabalhadores por estes não terem comparecido à assembleia.

### **A Necessidade de Organizar a Greve**

O governo Covas já resolveu a questão da falta de funcionários da educação: buscou a terceirização do setor. Fez isto com grande habilidade, pois contratou vários trabalhadores com um salário de 150,00 reais e sem nenhum vínculo empregatício (as chamadas frentes de trabalho), neste momento as matrículas conjuntas com o município também são uma solução, pois as diretorias de ensino foram as que fizeram o trabalho de montar as salas de aulas e as listagens dos alunos.

Está aí a solução do governo Covas para o setor administrativo da educação. Logo virão as demissões, pois as reformas impostas pelo Banco Mundial/FMI estão se aprofundando.

Resta-nos preparar a greve para combater a destruição dos empregos,

abrir ampla discussão com os setores contratados da categoria, em especial a frente de trabalho, pelo caráter de superexploração que o governo impõe a estes trabalhadores e pelo seu número. Com esta unidade, teremos força para exigir a efetivação e estabilidade de todos como funcionários públicos e a partir daí reivindicar salário mínimo real, diminuição da jornada de trabalho etc.

### **O Posicionamento da Corrente Proletária**

A Corrente Proletária defendeu a convocação imediata de uma nova assembleia amplamente convocada na classe, que esta integrasse todos os trabalhadores contratados na categoria, pois sabemos que não temos mais tempo a esperar, nem mesmo para ficarmos fazendo demagogia com atos, aerogramas e caravanas, como costuma fazer a burocracia sindical da AFUSE. A hora é de responder com a luta direta.

**Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista.**

**Discuta nosso programa.**

**CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO**



# Manifesto de oposição revolucionária ao SINTERO - Defesa Voto Nulo

Nos dias, 10, 11 e 12 de novembro acontecerá mais uma eleição para escolha dos dirigentes do Sindicato de Educação do Estado de Rondônia (SINTERO). As inscrições de chapas ocorreram através de informações insuficientes, de acordo com interesse de continuidade da diretoria (chapa 1), e praticamente nenhuma discussão na base quanto à atuação da atual gestão, que por sinal sequer tem prestado contas em assembleias unificadas da categoria, momento em que se torna possível avaliar e aprovar as contas do sindicato. Ao tomarem decisões que merecem consultar a base, se portam como senhores proprietários particulares da entidade. Geralmente, abominam unificar a luta dos servidores públicos da educação em nível estadual, municipal e federal, imaginem defender a unificação da luta de todos os explorados.

Por transgredirem os direitos concernentes à prática de uma autêntica democracia operária, cerceiam falas, oportunidades de intervenção e participação ativa em eventos no interior do movimento daqueles que se opõem aos seus métodos de luta.

A Corrente Proletária da Educação conclama os companheiros que acreditam na necessidade da mudança radical da sociedade e não acreditam que os métodos reformistas/eleitóreiros, dos diretores de entidades de luta como o SINTERO e sim na prática de um sindicato revolucionário, que defendam a democracia operária, capaz de contribuir para a formação política da categoria, vinculando a luta em defesa das necessidades vitais imediatas (trabalho, educação, saúde para todos etc.) à luta pela destruição do capitalismo - sistema econômico causador de todos os problemas que afligem as massas (desemprego, miséria, cortes das conquistas advindas das lutas etc.).

É importante compreendermos também que precisamos defender os métodos de ação direta das massas (ocupação, bloqueios, greves, saques, manifestações de rua, etc.), em detrimento dos métodos de conciliação de classe, como acordos de gabinete - prá-

tica costumeira da atual direção do SINTERO (Articulação PT), que leva movimentos ao fracasso, a exemplo da última greve dos servidores municipais de educação, em que uma comissão do poder constituído (vereadores), cujos integrantes, fiéis aos seus próprios interesses, aparecem nas assembleias dos servidores, com o consentimento da direção da entidade que, sem consultar a categoria, aceita que estes disponham de espaços (5 a 10 minutos) de intervenção em duas assembleias, em que instigaram os servidores da educação a darem uma trégua ao prefeito Carlinhos Camurça. Por outro lado, aqueles que se opõem aos seus métodos de luta (militantes da Corrente Proletária da Educação), são rechaçados e têm suas intervenções censuradas e vetadas, deixando a base confusa sem os necessários esclarecimentos, quanto a análise dos fatos da luta de classes sob a ótica revolucionária.

Porém, massificam o ideal reformista/eleitóreiro, como "solução para os problemas", fortalecendo o usufruto da própria diretoria, que tem o sindicato como trampolim político para defesa dos seus interesses. É conhecido de toda categoria a luta sindical em defesa da candidatura do atual deputado "Daniel Pereira" (PT) e de membros da atual diretoria, o professor "Nereu".

Por estes motivos, dentre outros, convocamos todos aqueles que se encontram insatisfeitos com as atitudes reformistas/eleitóreas da atual diretoria - chapa 1 (representada sobretudo pela Articulação - PT) e chapa 2 (representada sobretudo pelo PCdoB e PMDB), que trazem em si os mesmos interesses reformistas/eleitóreiros, a defenderem nesta eleição sindical, o "Voto Nulo Programático" em defesa da democracia operária e da construção de um Sindicato revolucionário.

A defesa do voto nulo justifica-se pelo fato de não termos tido oportunidade de cadastrar uma chapa própria, em virtude da exigência da burocracia sindical (mais de 70 integrantes para composição de chapas) e tempo insuficiente de divulgação do processo eleitoral, im-

possibilitando a participação de correntes minoritárias.

Defendemos o Voto Nulo em torno das seguintes bandeiras:

1 - Pela reposição imediata dos salários dos servidores municipais;

2 - Pela atualização dos salários dos servidores públicos estaduais e federais;

3 - Pela assistência médica para todos e contra o aumento de descontos dos salários, como justificativa para manter em pé a assistência médica da previdência Municipal (IPAM), e da Estadual (IPERON);

4 - Por um salário mínimo vital de R\$ 1.800,00; 5 - Contra o desemprego e contratos temporários de trabalho;

6 - Por emprego para todos;

7 - Em favor da escala móvel de salário e trabalho;

8 - Pela expropriação da rede privada de ensino e pela escola pública, laica e enraizada na produção social;

9 - Pela expropriação dos latifúndios sem indenização e distribuição das terras para os camponeses pobres;

10 - Pela expropriação dos bancos, indústrias e grandes empresas em geral, sendo colocados sob o controle dos trabalhadores;

11 - Contra a destruição da Amazônia pela burguesia internacional em parceria com a nacional;

12 - Pela construção dos Tribunais Populares para julgar e punir os crimes da burguesia;

13 - Pela construção da greve geral por tempo indeterminado, unificando a luta de todos os explorados, para por fim ao plano de fome e genocida de FHC/FMI; 14 - Pela construção da frente única antiimperialista e anticapitalista; 15 - Pela aliança operário-camponesa;

16 - Em defesa da Ditadura do Proletariado (Sociedade Socialista (transição para o Comunismo - sociedade sem classes)); 17 - Pela retirada imediata do processo contra 25 professores do sistema público de ensino do Estado de São Paulo, perseguidos pela direção (Articulação PT), da Associação dos Servidores da Educação do Estado de São Paulo (APEOESP). \_

# O Partido e Sua Organização

Prosseguimos a série de textos de formação escritos por G. Lora, iniciada no Massas nº 160

## Trabalho Legal e Clandestino

No trabalho organizativo não se deve ignorar a realidade política do país, uma das características consiste na impossibilidade material de um pleno desenvolvimento da democracia burguesa. Nem sequer nos períodos eleitorais (60 ou 90 dias de liberdades democráticas) se dá o caso do império irrestrito da Constituição Política, bastante generosa em declarações líricas acerca dos direitos naturais do homem, etc.

O estalinismo renunciou a expressar seus objetivos (que não passam de um inofensivo democratismo) buscando a legalidade que possa traduzir em tranquilidade para seus quadros pequeno-burgueses.

Tampouco pode esquecer que o Partido persegue destruir o regime imperante e instaurar um novo, o que significa que suas atividades, pelo menos parte delas, são conspirativas e chocam com o ordenamento jurídico imperante. Daqui se desprende que o Partido não tem mais remédio que fazer frente, quase todos os dias, ao aparato

repressivo estatal.

Não estamos indicando que as garantias democráticas careçam de importância ou que não se deva, sob nenhuma circunstância, lutar por sua conquista. Pelo contrário, a defesa sistemática e incansável de garantias democráticas ocupa lugar preferencial em nossas atividades e nos permite penetrar nas massas, que consideram estas garantias como elemento indispensável para sua existência. O Partido não deve se limitar nesta luta, mas tem de tomar a direção e ensinar a exigir novas conquistas e a como utilizar da Constituição para serviço da causa revolucionária.

Do dito anteriormente, concluímos que o partido deve se organizar tanto para o trabalho legal como para o clandestino. Deve-se aproveitar o máximo toda possibilidade de legalismo, mas, paralelamente, deve se estruturar um aparato conspirativo, que possa suportar os embates policiais e garantir – este é o ponto capital – a continuidade do trabalho partidário normal. Isto quer dizer que o Partido sempre deve estar pronto para enfrentar-se exitosamente com a re-

pressão policial e a não permitir que o governo interrompa suas atividades. Seria absurdo que acreditando que a imprensa e as rádios estarão a todo momento a serviço de nossas atividades, nos descuidemos de preparar uma equipe capaz de romper qualquer boicote e de fazer boletins etc. Estas equipes devem se preparar e ampliar constantemente.

Alguns pensam que unicamente há lugar para o trabalho ilegal e que todo o resto é reacionário. Este ultimatismo argumenta que é fatal a acentuação das medidas fascistas (destruição das garantias democráticas) O evidente é que, apesar de tudo, devem ser esgotados os meios para aproveitar a fundo toda a possibilidade de trabalho legal (os bolcheviques utilizavam linguagem esópica (de fábula) para vencer a censura). Essa posição ultimata é pernicioso e ignora que as massas ao incorporarem-se a luta impõem a vigência das garantias democráticas. Por tudo isto e pela tradição, o correto é, em todas as circunstâncias, realizar tanto o trabalho legal como o clandestino.

## Mas que método de construção do partido...

Chamou-nos atenção os seguidos “acampamentos de verão” da AJR, corrente estudantil do PCO. Isso devido à propaganda de recrutamento.

A chamada é assim: “ESTA VOCÊ NÃO PODE PERDER! 15 dias de lazer e estudo para acampar na bela região praiana da Juréia, debatendo a interpretação marxista da História do Brasil”. A peça publicitária ainda indica que “as vagas são limitadas” e exorta o aspirante a que “reserve a sua desde já (...)”. A capa da propaganda traz um desenho de Lenin, Marx e Che Guevara sentados em cadeiras de praia, curtindo o sol e vigiando um círculo de jovens sentados na areia e discutindo. Não faltou um cãozinho olhando os jovens e sobre sua cabeça um sinal de interrogação. Talvez o cão se

pergunte: o que os anima tanto a discutir?

Chamou-nos atenção o grau de leviandade e degeneração de PCO, que faz do marxismo e da história do Brasil um motivo de aprendizado com lazer. A imagem de Marx e Lenin é um verdadeiro embuste. Nada tem a ver com sua rigorosas e severas vidas de militantes dedicados à crueza da luta de classe.

A militância e as idéias revolucionárias se forjam no fogo do combate anticapitalista. Por isso mesmo, o partido leninista educa a militância no regime do trabalho clandestino e só usa a legalidade para impulsionar o movimento das massas, quando a situação assim o permite.

As conquistas de novos militantes e

crescimento do partido, bem como de uma fração sindical ligada ao partido, vem da atuação na luta e através da assimilação rigorosa do programa e métodos de combate. O método de crescimento do partido não comporta outro meio senão o da conduta revolucionária.

É claro que numa situação de clandestinidade o partido poderia fazer do lazer um disfarce para o trabalho de formação. Mas não é o caso. O lazer é o meio para atrair os jovens para a AJR e desta para PCO.

Aqui não cabe a crítica de que estaríamos contra o lazer. Estamos contra usar o lazer como método de recrutamento e crescimento do partido. Isso nada tem a ver com o marxismo e com a luta de classe.

**Argentina:**

# Nada muda com o triunfo da Aliança

**Nada muda**

O poder político segue nas mesmas mãos de antes e depois das eleições. São os grandes capitalistas, os banqueiros, os latifundiários, o imperialismo quem segue mandando no país. Só assistimos a uma mudança de gerente o capataz, um novo administrador que trabalha para esses interesses.

As eleições servem aos capitalistas para legitimar seu regime, sua dominação, para fazer crer que elegemos, que temos alguma decisão através do voto. A ampla vitória de De la Rúa reforça esta idéia de que tem respaldo popular, que dispõe de poder para levar adiante seu governo.

Antes de ser votado pelos cidadãos teve de ser aprovado por quem lhe deu todo apoio publicitário, por quem lhe deu todo espaço nos meios, teve de ser aprovado pelo aparato que lhe recomendou moderação e que promettesse publicamente que honraria a dívida externa fraudulenta e todos os compromissos contraídos pelo governo anterior, que não se toquem nas privatizações etc.

Trata-se de um homem que foi promovido em toda a sua carreira pela submissão às necessidades dos poderosos. Um homem que não teve reparos em atender desde seu escritório de advogados os interesses de Yabrán. Dentro do radicalismo forma parte da corrente mais conservadora.

Rechamos a idéia de que possa ser um **governo de todos**, ou um **governo com todos**, como transmite o novo presidente. Isso é impossível.

Não pode se governar para o grande capital e ao mesmo tempo para os desempregados, para os trabalhadores que ganham miséria, para os aposentados. Ou se governa para uns ou para os outros. Não pode haver um governo que represente os interesses de exploradores e explorados, dos opressores e oprimidos.

Trata-se de interesses contrapostos, contraditórios, irreconciliáveis. Ainda

que conte com milhões de votos, ainda que entre seus votantes encontremos trabalhadores, o governo que surge das eleições é uma expressão da ditadura dos capitalistas, representa a vontade de uma minoria cada vez mais concentrada, dona dos principais meios de produção.

**De la Rúa governará para essa minoria de costas à nação e os trabalhadores.** Não é suficiente dizer que é uma continuidade do "modelo" que afiançou Menem.

Voltando ao princípio, para corrigir: o governo da Aliança é um governo com todos os capitalistas, para todos os capitalistas. Bem já se pode observar uma disputa entre eles para ver quem impõe as características, as matizes da política no próximo período. Os votos empregados à Aliança, ao PJ, a Cavallo, por mais de 90% dos votantes serão usados contra os interesses da grande maioria dos votantes.

**As massas voltaram a votar por seus verdugos.** A extrema debilidade da consciência da classe operária, de seu desenvolvimento organizativo em partido político, essa quase ausência de direção revolucionária faz com que as massas permaneçam enganadas e voltem a sofrer as consequências de apoiar seus inimigos. É uma demonstração das ilusões democráticas que enchem as massas e indicam que tipo de trabalho devemos fazer os revolucionários.

Os grandes capitalistas são quem voltam dezenas de milhões de dólares para as campanhas eleitorais dos partidos majoritários, dilapidados enquanto milhões sofrem de uma miséria crescente. São esses capitais os que vão ditar a política do governo. Sabem que recuperarão com acréscimo o "investido".

As principais medidas que discute o novo governo não têm nada de novas, são as que não pode aplicar o governo Menem. Esse governo, que assumirá em poucas semanas, antes de mais nada, já se encarregou de garantir que as principais conquistas que obtiveram o grande capital e o imperialismo nos últimos

anos contra a nação e os trabalhadores serão preservadas e algumas se aprofundarão (se possível!). Este é o mandato do grande capital e do imperialismo para De la Rúa.

**As "mudanças" só serão de maquiagem,** não permitamos que sigam enganando à população. Os jornalistas da imprensa burguesa, seus analistas políticos, querem vender contos sobre a "maturidade" da democracia, de que "entramos em uma época de revalorização das instituições", de "reforço ao bipartidarismo", que "já não são necessários caudilhos como Alfonsín e Menem" etc.

O governo da Aliança e os capitalistas na verdade têm a ilusão de melhorar a fachada do regime, fazendo mais acreditáveis as instituições, para que a população recupere sua confiança nas instituições e na política dos patrões.

É por isso que discutem alguns casos emblemáticos de corrupção para ajuizá-los, para demonstrar que há algo de Justiça e que não há ligação com o governo anterior. Não tratarão de desmontar a Justiça do regime procriada pela ditadura genocida (suas leis e uns tantos quantos de seus juizes) e sim de mudar-lhe a imagem para que não pareça tão aleivosa a impunidade dos grandes ladrões, corruptos, traficantes etc.

Este governo novo só contará com um pequeno respiro produzido pelas ilusões que criou a finalização do menemismo (Menem se vai, mas todas as suas criaturas permanecem em pé).

**Não haverá nenhum fortalecimento de uma democracia que só existe nas formas,** não haverá amadurecimento, nem aprofundamento. De la Rúa terá que se chocar com os trabalhadores que têm enfrentado Menem no interior e mais, já que se propõe a reduzir a coparticipação dos impostos com as províncias. O novo governo pactuará com a burocracia sindical para que siga cumprindo seu papel de bombeiro que apaga os conflitos. São os agentes do capital financeiro internacional e os diretores das principais multina-

cionais instaladas no país os que ditam a política sem dissimilá-lo.

Um dos fatos notáveis dessas eleições é a chegada ao governo de um homem do partido radical, partido que foi varrido nas últimas eleições presidenciais, nada mais que há 4 anos, relegado a um terceiro posto (Masaccesi candidato).

Um partido tradicional da burguesia, de mais de cem anos, que se teve de retirar apressadamente em 1989, produto da impossibilidade de conter a crise, agravada pela hiperinflação, e a intervenção cada vez mais generalizada das massas. Os jornalistas, os meios de comunicação, as empresas de pesquisa de opinião, como parte interessada, que antes das eleições vaticinavam o triunfo da Aliança na Província de Buenos Aires, passaram a entitular como "grande derrota" a eleição realizada por Fernandez Meijide e Pinky e que isso debilitaria De la Rua como presidente, ou jornalistas que afirmaram que houve um rechaço aos candidatos de esquerda da Aliança e uma direitização do eleitorado.

O resultado não é nada desprezível se tomamos em conta de que peso partiram e com candidatos sem tradição no distrito.

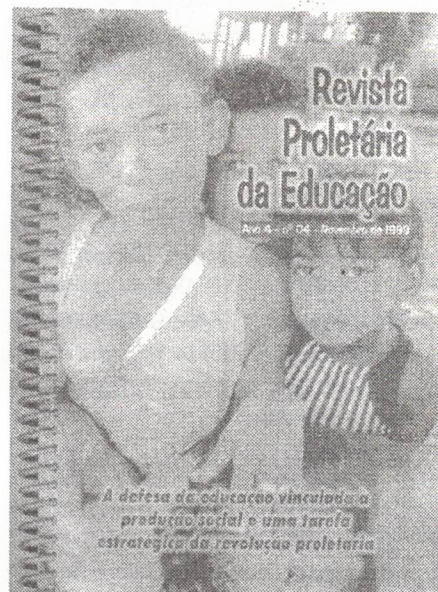
Mas, o que nos importa ressaltar novamente é que a classe operária esteve praticamente fora do cenário eleitoral, sua estratégia foi propagandeada apenas por pequenas organizações com fraca tradição.

Toda a campanha eleitoral foi dominada pelas correntes da burguesia, cada vez mais antinacionais e que tiveram uma oposição mínima da parte da esquerda reformista que participou com candidatos.

Fica sobre a mesa a tarefa de trabalhar incansavelmente por desenvolver o programa da classe operária, propagandizar sua estratégia, trabalhar por derrotar ideologicamente a burguesia que domina a consciência das massas, derrotar as correntes reformistas e pacifistas que contribuem para anestesiar a consciência classista. Traduzir esse trabalho em organização da vanguarda revolucionária, **em partido**, em direção política das massas.

(extraído do Masas argentino nº 143)

**Adquira com o distribuidor deste jornal:**  
**Revista Proletária da Educação nº 04**



## **Bolívia: Imponentes massas camponesas e urbanas se apoderam das cidades**

### **Cochabamba**

Milhares e milhares de rentistas, camponeses, operários, professores etc. paralisaram a cidade com bloqueios de pontes pelas quais passam as estradas que ligam a capital do vale com outras regiões do país.

Os marchadores expressaram de novo seu rechaço à Lei da Água, sua reivindicação ao mau governo para que rompa seu acordo com Águas do Tunari, seu repúdio ao Estatuto do Funcionário Público etc.

### **La Paz**

Dezenas de milhares de camponeses, seguidos por moradores de El Alto, encheram as ruas da sede do governo protestando contra a Lei de Águas, a discriminação dos povos nativos, o saque do que é de propriedade dos camponeses.

Recordou-se ao líder Tupac Katari e

o cerco de La Paz dessa época, se disse que esses fatos voltariam a acontecer.

Anunciaram novas mobilizações e muito mais furiosas no futuro.

### **Potosi**

Os trabalhadores e camponeses, agrupados na Central Operária Departamental, decidiram desencadear uma série de mobilizações, bloqueios etc. protestando contra a política governamental e exigindo o cumprimento das obras ofertadas para o departamento, repudiam o Estatuto do Funcionário Público.

Diminuíram os choques com a polícia, mas a vontade de seguir lutando é inquebrantável.

### **Oruro**

A Central Operária Departamental ganhou as ruas para salientar e apoiar a greve de fome por tempo indeterminado

que protagonizam os trabalhadores da Saúde. A UTO (dirigentes, docentes, estudantes) realizaram uma manifestação de rechaço ao Estatuto do Funcionário Público por atentar contra a autonomia universitária.

De seu lado, a FUL também esteve nas ruas.

Estes movimentos multitudinários e de alcance nacional sobressaem pelos seguintes aspectos:

Nem bem se desencadeiam, sobrepõem suas direções ao radicalizam-se e apontam ao ajuste de contas com as autoridades.

Explode vigoroso o anti-eleitoralismo. No seu caminho, destrói a propaganda e materiais dos partidos desesperados por assaltar as municipalidades e suas verbas.

Assim o povo amadurece, se prepara para tomar o poder e ser governo.

Extraído do Masas boliviano nº 1691

## Argentina

# Sobre o Balanço Eleitoral do Partido Obrero

## Os Alcances de uma Autocrítica que é Importante Debater na Esquerda

Em Prensa Obrera, o PO afirma que “sofreu no domingo um revés eleitoral. Os fatos políticos desmentiram nossos prognósticos políticos, que previam uma duplicação dos sufrágios (e até uma triplicação)” ... e reflete: “um prognóstico desacertado constitui, em política, um assunto sério, porque supõe que ocorreu uma inadequada caracterização política e que isto poderá se manifestar, portanto, em uma orientação mais ou menos equivocada do trabalho político.

Do artigo de balanço, é necessário diferenciar os traços autocríticos que têm valor político-programático, dos traços impressionistas para caracterizar a “nova” realidade.

É inédito que Altamira reconheça um erro e uma derrota, mas desta vez não havia forma de se esquivar a sombra. Foi demasiado óbvio o fracasso do exitismo.

### Consciência operária, papel do partido, importância das caracterizações, o valor da autocrítica

Todos os parágrafos reproduzidos nesta nota foram extraídos de Prensa Obrera n° 647 de 28 de outubro.

“Em que sentido o revés eleitoral e o inadequado prognóstico político põem a prova o Partido Obrero? No seguinte sentido: Para um partido que pretende desenvolver uma forte organização revolucionária socialista sobre a base de um programa e sobre a base de uma metodologia que leva em conta, como fator fundamental, a experiência das massas e o desenvolvimento de sua consciência de classe, os desacertos de análises e previsões sobre os resultados de domingo constituem uma advertência. Temos abordado com relativa superficialidade a questão do desenvolvimento das massas, a qual sem dúvida exige uma atenção absoluta. A do domingo inclusive era um

*problema menor, o que não é menor é o processo político que enfrentamos agora, que só poderá ser superado assimilando a crítica a nossas caracterizações. Ainda que já não seja o momento de abordá-las, a insuficiência de nossa apreciação do desenvolvimento das massas no plano político, subjetivo da consciência de classe, é seguramente o fator que fez mais lento e dificultoso o desenvolvimento do Partido Obrero nestes últimos vinte anos.”*

“A inadequada apreciação deste componente da situação política (a subjetividade dos trabalhadores) indica por si próprio uma inadequada relação do Partido Obrero com o movimento das massas, inclusive uma insuficiente penetração em suas filas. Mas a penetração nas massas só é tal quando se realiza por meio do programa. Somente um programa pode lhe dar a força que lhe falta (consciência e organização) para derrotar a burguesia. Só uma penetração nas massas de caráter principista, quer dizer, baseado nas delimitações dos interesses históricos antagônicos entre as classes, pode permitir a construção de um partido operário que seja realmente revolucionário.

Este aspecto é realmente valioso da autocrítica. Como este erro nas eleições pode estar expressando um problema político mais geral, de duas décadas?

Dos elementos que se tomam no conjunto do balanço não surge uma consciência da magnitude do problema que se assinala, mas deverá se esperar para ver até que ponto este fracasso pode jogar um papel de catalisador de todos seus problemas.

Quando diz: “a insuficiência de nossa apreciação do desenvolvimento das massas no plano político, subjetivo, da consciência de classe ...” está confessando a insuficiência no desenvolvimento programático, questionando-se como partido (o

programa é o Partido).

Quando assinala que tipo de trabalho deve se fazer com o programa entre as massas, sobre bases principistas, reconhece também que este trabalho não está sendo feito.

Mas a condição política para se fazer um trabalho político programático, que arme o proletariado estrategicamente para o combate contra a burguesia, é a organização se estruturar ao redor desse programa, desses princípios.

É o programa que define que esta organização deve ser bolchevique, conspirativa, a organização deve combinar o trabalho legal com o clandestino. Deve propagandear sua estratégia comunista, quartointernacionalista entre as massas, assinalando que jamais a classe operária tomará o poder pela via parlamentar/eleitoral, que só será possível pela via insurrecional e que somente quando a classe operária instaurar sua própria ditadura poderá começar a transformar a sociedade em termos socialistas.

Este programa construído com base nas leis do materialismo explica a realidade de nosso país, sua relação com a economia mundial, que tipo de tarefas democráticas e nacionais devem ser resolvidas pela revolução proletária, que características adotará a revolução. Desenvolver este programa é essencial para por em pé o Partido, para combater e derrotar a burguesia em todos os terrenos.

“Um princípio revolucionário diz: ‘a história pode saltar etapas, mas o partido revolucionário não pode saltar as etapas do desenvolvimento da consciência de classe’. Por isso consideramos como um acervo, e não só na recente campanha eleitoral, haver adotado como eixo a reivindicação de colocar todos os trabalhadores nas fábricas e repartir as horas de trabalho.

*Para as massas, que todavia não questionam o capitalismo, isto significou colocar um método anticapitalista para satisfazer um direito tipicamente capitalista: o direito de ser explorado em troca de um salário.*

*Longe de uma proposta circunscrita ao eleitorado de esquerda ou, no caso, circunscrito a qualquer eleitorado, o eixo da campanha de PO foi uma consigna de conjunto, com alcance estratégico, que só pode ser resolvida por uma luta geral e que responde à necessidade mais imediata das massas.*

Isto não foi colocado assim na campanha eleitoral, em nenhum momento se assinalou que a repartição das horas de trabalho deveria ser imposta pela luta geral e nunca mediante leis do parlamento, neste caso sim teria um valor político ideológico.

O Programa de Transição não é uma caixa de ferramentas, da qual se extrai a consigna mais adequada à situação política, como se fosse uma ferramenta.

O Programa é um método, um sistema de consignas e proposições que permitem aos trabalhadores a partir de suas reivindicações mais elementares e do estado de sua organização e consciência, elevar-se politicamente no choque com o Estado, com a burguesia e colocar a questão do poder. Não formular assim é mutilar, anestésiar, o valor desta consigna correta.

*"O PO retrocedeu eleitoralmente, mas nunca como agora se incorporaram operários na organização. Foi, então, a consigna mais adequada ao momento que atravessam as massas desde o ponto de vista de suas necessidades e consciência. Outra coisa foi acreditar que a partir desta reivindicação estavam reunidas as condições para um deslocamento político energético de uma parte destas massas".*

Aqui se aprecia uma reivindicação plena da forma economicista de intervenção eleitoral, que estaria mais que justificada já que se ganharam operários para a organização.

Como a consciência das massas se diretizou, não evoluiu com as lutas, então não corresponderia falar de socialismo,

comunismo, ditadura do proletariado e revolução social, isto é o que insiste Altamira e nos fazem duvidar de até onde chegará com sua autocrítica.

A proposta mostra um alto grau de idealismo ao esperar que uma consigna adequada em um processo eleitoral provoque um deslocamento político energético de uma parte das massas, quando desta consigna se retirou todo seu conteúdo revolucionário.

*"O Partido Obrero enfrentará com êxito 'a prova a que foi submetido se superar suas limitações para ajudar a evolução política da classe operária, a partir do baixíssimo nível presente desta e inclusive do próprio retrocesso dela com relação às lutas que protagonizou recentemente; mas tudo isto para assegurar e aprofundar a caracterização que o PO faz do atual período histórico e da atualidade da estratégia política da revolução socialista e da refundação da IV Internacional.*

*Mas por que falar de 'prova'? Por uma razão metodológica da maior importância; não somos uma seita.*

*As seitas se cotejam com suas próprias premissas, contentam-se em ter atuado logicamente a partir de alguns postulados. Para o Partido Obrero, isto é idealismo da pior espécie, por isto uma passagem sem retorno ao fracasso e um peso morto para o desenvolvimento da vanguarda operária".*

É um erro afirmar que há um retrocesso na consciência da classe operária em comparação com o nível avançado de suas lutas. As lutas em si mesmas não demonstram até onde chegou sua consciência, nem por si mesmas são geradoras de consciência proletária. A comprovação do grau de ilusões democráticas presentes nas massas é essencial para determinar a tática do Partido. Existe uma contradição permanente entre as lutas radicalizadas que se levam a cabo e a consciência que tem seus protagonistas destes fatos.

O 'retrocesso' do qual se fala parte do pressuposto idealista de que a luta gera consciência de classe. A consciência vem para a classe operária de fora, do partido revolucionário, (que é sua consciência de

classe), expressando em termos científicos o que nela é instinto.

Uma característica típica de uma seita é construir uma 'realidade' em suas cabeças sem sustentação material e quando a realidade os golpeiam, porque os esquemas e prognósticos não correspondem, desesperam-se buscando culpas e responsabilidades na realidade. As seitas se impressionam e passam facilmente de um estado de excitação, existismo e exaltação a outro de depressão e pessimismo.

### **Direitização do eleitorado não prevista: uma "mudança de frente" da classe operária sem avisar PO**

*"Uma eleição onde ganhem De la Rua e Ruckauf, perda de Fernandez Meijide e retroceda a esquerda, significa um pronunciamento para a direita".*

*"O período democrático foi generoso em manifestações de direitização política... o PO considerou cancelada por um tempo a possibilidade de um cenário político com estas características ..."*

*"Esta direitização do cenário político ..."*

*"Ainda que o cenário político se diretizou, a governabilidade do governo fundomonetarista será questionada a partir da esquerda, não a partir da direita."*

É aventureiro dizer que nestas eleições se produziu uma direitização, se compararmos com as últimas eleições presidenciais (1995), podemos observar que há um deslocamento para a esquerda e não ao contrário (não é válido comparar eleições de deputados com eleições presidenciais).

Trata-se de uma forma apressada de ver a situação política por parte de PO. Como partia da caracterização de que se abria uma situação em que as massas passariam à ofensiva política e esta não pôde se verificar, conclui então: as massas se diretizaram. Assim não se deve pensar. Haveria de entender também que se em vez de ganhar De la Rua/Ruckauf ganhasse Duhalde/Meijide não haveria tal direitização?

Em termos gerais podemos dizer que é resultado desta eleição é tão a direita como foi a anterior.

Ontem Menem, hoje De la Rúa ganham as eleições prometendo uma política abertamente pró-imperialista. Em ambas eleições houve uma concorrência elevada de eleitores.

O balanço também parece ter apreciações apressadas tal como "Catastróficas derrotas de Meijide e Pinky". Este catastrofismo nas análises é parecido ao de jornalistas de algumas mídias ou às ilusões que estes candidatos tinham em seus resultados.

A UCR (União Cívica Radical) passou de ser desprezado eleitoralmente nas eleições de 95 a ganhar a presidência com a Aliança e a perder por poucos pontos o governo ou a intendência de *La Matanza*, podemos dizer que se trata de derrotas limitadas, pois trata-se de bastiões do peronismo. Não importa seu subjetivismo. Não importa seu subjetivismo ou o dos pesquisadores, importa analisar objetivamente os processos que se vivem sem nenhum esquema prévio.

### **Uma crítica limitada à esquerda**

Altamira também disse que: "*IU (Esquerda Unida) e FR (Frente Revolucionária) foram ... fatores ativos no retrocesso do subjetivismo operário*", com o que concordamos, mas também incluímos o PO como fator, já que em nenhum momento da campanha propôs uma estratégia de classe, proletária, que desse expressão política às lutas que vinham travando instintivamente as massas contra o regime.

Altamira só vê a palha no olho alheio: critica a UI e a FR que sustentavam que "*não deveriam fazer colocações ideológicas*" e o mesmo recusou a realizar tais colocações (recordemos as intervenções que este fez na TV, no rádio e na Imprensa em geral).

### **Um Debate Unilateral com IU Sobre a Desvalorização**

*"Descobrimos tardiamente que esta esquerda é partidária não de um 'ajuste' mas de um grande ajuste contra as massas ..., a posição desvalorizacionista os*

*converteu em grupo de pressão dos exportadores, dos afetados pela concorrência externa e do setor financeiro que teme sua absorção pelos bancos estrangeiros ..."*

*"Mas qualquer operário perfeitamente se dá conta de que uma campanha político eleitoral que desde o campo da esquerda, reivindique a desvalorização do peso, ou seja o confisco das massas e a agudização das rivalidades nacionais, constituiria uma grande traição ..."*

*"Este episódio desvalorizacionista da trama final da campanha eleitoral, ilustra a contradição que encerra uma política de unidade da esquerda revolucionária e operária com a esquerda democratizante."*

A política desvalorizacionista ou antidesvalorizacionista se ligam ao campo burguês, são ferramentas monetárias aplicadas pela burguesia em distintos momentos com conteúdo anti-operário. Nós, revolucionários, rechaçamos ambas e lutamos pela escala móvel de salários de acordo com o custo de vida sem nos importarmos a que quantidade de dólares ou marcos equivalem este salário.

Os trabalhadores não deixam de perceber que a convertibilidade monetária tem sido um plano de confisco brutal sobre o salário operário.

### **Um Pólo Classista**

*"... A realização das reivindicações (salário e emprego) devem se materializar a partir de um plano de luta. É, portanto, necessário organizar um polo classista que tome a iniciativa de reclamar aos sindicatos um plano de luta e prepare o surgimento de uma nova direção para o movimento operário. É necessário denunciar o estado mortal em que se encontram as centrais sindicais e reclamar-lhes uma renovação por meio de um Congresso de Delegados com mandatos derivados de Assembléias."*

*Convocamos a esquerda que querem se unir para lutar para unir esforços na formação de um pólo classista em todos os sindicatos. Não se trata da tarefa para um só partido político."*

O que caracteriza um agrupamento classista é sua definição política revolucionária, de classe, que parte da convicção de que a classe operária deve lutar por instaurar seu próprio poder, que deve governar, que deve derrotar a burguesia, expropriá-la. Esta não é alcançada com definições de democracia operária, ação direta e reivindicações corretas. O que define seu caráter classista é sua definição política, que deveria englobar as correntes que se reivindicam da classe operária e de esquerda. Se não há acordo com esta formulação política, não há possibilidade de estruturar um pólo classista.

Correntes que se dizem classistas e que ao mesmo tempo reduzem sua estratégia a propostas de unidade nacional ou frente popular com a burguesia nacional não podem formar tal pólo já que suas colocações os levam uma vez e outra a capitular diante de frações da burocracia sindical tributária de correntes políticas da burguesia nacional.

### **Conclusão**

Insistimos, o mais importante do balanço de PO é sua autocrítica. As duas décadas a que se refere Altamira são justamente as mais críticas da história de PO, nas que se produz seu deslocamento para o terreno do centrismo, dissolvendo a organização *Política Obrera* que pretendia ser uma organização revolucionária.

Não abrigamos esperanças de que se possa regenerar Altamira (não há volta quando se cruzam as fronteiras de classe), mas, apesar dele mesmo, conseguiu assinalar aspectos valiosos para a reflexão da esquerda, e não só diante das eleições.

Esperamos que os militantes de PO e de toda a esquerda em crise abram um debate profundo, programático, sobre qual é a raiz dos problemas e como resolvemos a crise de direção da classe operária.

(extraído do jornal 'Masas' argentino n.º 143 de 5/11/99)

# Organização Mundial de Comércio: um comitê das potências

A tão comentada Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) termina sem que os interesses dos países semicoloniais fossem atendidos e sem que os conflitos comerciais interimperialistas amenizassem.

Quanto às semicolônias, é impensável que o organismo mundial do imperialismo pudesse estabelecer novas regras antiprotecionistas para as potências e assim favorecesse os países atrasados. É o caso da agricultura, base de exportação das economias atrasadas, e algumas manufaturas, como têxtil, produtos agroindustriais etc.

A Europa e Estados Unidos subsidiaram descaradamente suas agriculturas e derrubam acesso dos produtos do Brasil etc. A idéia de que os EUA são aliados dos países com interesses agrícolas (Grupo de Cairns, formado na Rodada do Uruguai) contra a Europa e Japão na questão agrícola é pura ilusão. Os americanos usam as pressões do Grupo de Cairns (Brasil, Nova Zelândia, Canadá etc)

apenas como meio de pressão para negociar com os europeus e japoneses suas pendências em outras áreas do comércio.

Quanto aos conflitos interimperialistas, não é possível avançar acordos que os amenizem. Ocorre que o capitalismo está submerso a uma crise de superprodução de grande magnitude e que tende a se agravar nos próximos anos. Os mercados estão repletos de mercadorias, porém as massas mundiais cada vez mais empobrecidas e exploradas não têm acesso a elas.

Ultimamente o capital tem se direcionado para informática, produtos eletrônicos e serviços (telefonias etc), mas que também caminham para a saturação. O que os monopólios exigem é total abertura nessas áreas em que é necessário grande montante de capital. Uma das medidas é a ampla privatização, como já vem sendo impostas aos países atrasados e devedores. Não é por acaso que a empresa de maior valor privatizada, no

Brasil, foi a Telebrás. O capital imperialista simplesmente tomou conta desse serviço altamente lucrativo.

Na verdade, a OMC serve de parlamento para as potências negociarem a divisão do mundo entre si, procurando evitar que a crise de superprodução e o processo da crise mundial as levem a um confronto muito mais sério. Trata-se de um pequeno comitê que dita as regras para o comércio mundial e todos demais países, a maioria atrasada, devem segui-las. Seus governos protestam, unem-se para pressionar (Grupo Latino Americano e do Caribe-GruLa, Organização de Unidade Africana-OUA, Grupo Carins.), e acabam sucumbindo aos ditames dos Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Japão.

Quem recebe todo peso do saque imperialista são os proletários e camponeses das semicolônias, que arcam com as quebras econômicas, reconcentração de capital nas mãos dos magnatas, desemprego e outros males.

## Tendências da crise mundial

O governo brasileiro tem feito uma campanha publicitária na TV, sugerindo que no próximo ano a economia crescer e a situação do país vai melhorar. A demagogia governista está voltada a iludir as massas para que aguentem a opressão e aguardem passivamente a melhora geral. A campanha pretende desestimular as tendências de reivindicação salarial, que crescem com a elevação da inflação, cujo índice oficial pode se aproximar dos 20% em 1999. Mas quais são as reais tendências gerais da economia mundial, que influencia de forma determinante a economia brasileira?

Há poucos dias, as ações da Microsoft, maior fabricante de programas de computador do mundo, tiveram um abalo. As ações da Intel, maior fabricante de processadores, e de outras empresas ligadas à computação e automação também sofreram revezes. O impacto dessas desvalorizações é grande nas bolsas, pelo peso econômico desse setor.

Mas tem havido uma contrapartida no balanço geral das aplicações financeiras, especialmente no setor de derivativos, onde encontramos os papéis

ligados aos preços das mercadorias de tipo "matéria-prima", como petróleo e minérios. O preço do petróleo triplicou em 1999. As ações das empresas petrolíferas tiveram grande valorização. Mas tudo indica que não será possível preservar esse quadro por muito tempo, em função da estagnação da produção mundial. Teria de haver um crescimento do consumo de combustíveis, criado por uma elevação da produção e consumo gerais, para pressionar os preços para cima. O contrário ocorre. Quando as ações de derivativos, que correspondem a um terço das negociações financeiras internacionais, caírem, em meio a uma tendência de queda das ações de empresas ligadas à alta tecnologia, então as quebras de bolsas de valores voltarão a afetar internacionalmente os mercados financeiros, com maiores prejuízos para os países que apóiam suas políticas econômicas na dependência de investimento externo, como o Brasil.

Está aí porque a reivindicação de FHC na reunião internacional dos "sociais-democratas" foi rechaçada pelos di-

rigentes dos EUA, Alemanha e Inglaterra. Os países imperialistas têm noção das tendências de desvalorização e sabem que a liberdade de fluxo de capitais é uma ferramenta poderosa para se defenderem das quebras, despejando seus custos nos países atrasados. Por isso, não podem sequer cogitar a criação de mecanismos reguladores.

O caso brasileiro é ainda mais crítico. A variação de 106% nos papéis das bolsas de valores durante 1999 cria condições mais instáveis de oscilação. É evidente que a valorização de 106% numa economia estagnada é artificial e perigosa.

Tudo aponta então para quebras e aprofundamento da crise capitalista. A única resposta possível é a luta nacional de massa pela derrubada do plano anti-nacional e antipopular de FHC.

Internacionalmente, as quebras e aumento da crise levarão as massas às ruas, e se fortalecerão as condições para a construção de direções revolucionárias (partidos), sem o que as lutas serão sufocadas pela colaboração das direções ou pela repressão governamental.